

## Nietzsche: Ficção e Realidade

Cleber Polles Felix

“Mas o que está desperto e atento diz: ‘—Tudo é corpo e nada mais; a alma é apenas nome de qualquer coisa do corpo.’”

(F. Nietzsche, *Zaratustra*, I, “Dos que desprezam o corpo”)

A partir d’*O Anticristo*, e de alguns textos do chamado período tardio da obra de Nietzsche, pretendemos mostrar, basicamente, como são caracterizadas as noções de ficção e realidade. Gostaríamos de esclarecer que é no decorrer da exposição que desejamos ver respondidas as seguintes questões: qual a função do mundo fictício? Quais as relações possíveis entre mundo fictício e realidade? Qual a distinção entre o mundo fictício e aquilo que no parágrafo 15 d’*O Anticristo* foi chamado de “mundo dos sonhos”?

Como sabemos, *O Anticristo* traz como subtítulo as seguintes palavras: “Maldição sobre o cristianismo” É contra tudo o que foi erigido, construído, ou, diria Nietzsche, *inventado*, após a morte de Jesus Cristo, pelos apóstolos, principalmente Paulo, pela Igreja e pelos filósofos – invenções estas que, desde então, tomaram formas cada vez “mais abstratas” até um descolamento completo, uma incompatibilidade total entre prática e discurso, e (porque não?) entre as palavras e as coisas – que Nietzsche vem fazer seu desafio. Eis o problema: “Aqui [no cristianismo] o corpo é desprezado, a higiene, rechaçada como sensualidade [...] cristão é o ódio aos *sentidos*, às alegrias dos sentidos, às alegrias enquanto tal”<sup>1</sup> Convém ressaltar isto: *O Anticristo* é mais uma crítica àquilo que se seguiu à morte de Jesus Cristo do que à figura mesma do nazareno.

Assim, passemos às ficções, *entre* as quais Nietzsche insere idéias, conceitos e sistemas filosóficos, assim como o mundo da religião cristã.

Poderíamos pensar que o trecho colocado em epígrafe a este texto nos dá o contraponto exato entre aquilo que Nietzsche entende por ficção e aquilo que entende por realidade. “Tudo é corpo e nada mais”, diz ele. Com isto poderíamos entender que tudo o que não seja corpo seja, então, uma ficção, um produto de nossos pensamentos. Mais que isto, poderíamos



impulsos, são testemunhas do próprio sentido, da própria direção tomada pela multiplicidade, são “testemunhas de *uma vontade, uma saúde*”<sup>7</sup> [ou, por que não? de uma doença]. Seria, então, o prazer e o desprazer, as alegrias e os sofrimentos dos sentidos, em suma, o corpo, a fisiologia, que norteariam as ficções cerebrais, que *provariam* a verdade ou a falsidade das avaliações, a correção ou a incorreção das ações. As *invenções pessoais* teriam que manter este ponto de contado com o real<sup>8</sup> [neste caso, novamente, a fisiologia humana].

Mas, e o chamado “mundo material” ou “mecânico”: seria o mundo *exterior* a tais impulsos e suas relações – os pensamentos e sentimentos – como para Berkeley e Schopenhauer, apenas “uma ilusão, uma ‘aparência’, uma ‘representação’”?

Tal mundo é entendido “como uma *forma prévia* de vida” Entre esta forma prévia de vida e a vida, entre esta realidade exterior e a realidade dos processos orgânicos de vida, encontramos algo que é comum, uma ligação: a vontade, ou, antes, “uma forma de vontade – a vontade de potência”<sup>9</sup> Por isso, tal forma tem a “mesma ordem de realidade que têm nossos afetos, -- como uma forma mais primitiva [ou básica] do mundo dos afetos...”<sup>10</sup> Tanto a realidade interna como a externa fariam parte de uma mesma ordem de realidade, resumir-se-iam numa *única* ordem de realidade: a multiplicidade de forças e impulsos, a multiplicidade de vontades de potência.

Se é verdade que o que foi dito até aqui, ainda que de maneira bastante resumida, expressa de *alguma forma* aquilo que Nietzsche entende pela expressão “realidade”; se é verdade que assim pudemos ver como que através da expressão “corpo”, mesmo assim, ao que parece, não dissemos muito acerca da ficção. Como caracterizaríamos, então o mundo fictício?

Já dissemos que tanto a realidade interna como a externa fariam parte de uma mesma ordem de realidade, resumir-se-iam numa única ordem de realidade: a multiplicidade de forças e impulsos, a multiplicidade de vontades de potência. “O mundo: um monstro de força”, diz Nietzsche, “sem começo nem fim; uma soma fixa de força. [...] Este mundo, é o mundo da vontade de potência – e nenhum outro!”<sup>11</sup> É assim que, desta perspectiva, não encontramos mais nenhuma oposição, com exceção de uma. Diz Nietzsche: “A oposição entre o mundo aparente e o mundo verdadeiro se reduz à oposição entre ‘mundo’ e ‘nada’”<sup>12</sup> Ao criticar “a noção de ‘mundo verdadeiro e mundo aparente’”, Nietzsche nos faz ver que o mundo aparente é o que aparece *para* cada um de nós. Um mundo dito

“verdadeiro” seria “uma simples ficção, constituída a partir de coisas puramente imaginárias”<sup>13</sup> Nesta medida, estamos longe de poder estabelecer a distinção entre estes dois mundos; é na “ação e reação particular de cada indivíduo em relação ao todo” que consiste a realidade e a ficção; é nesta relação que cada um de nós construímos nossos “mundos exteriores”<sup>14</sup> como um conjunto de práticas, símbolos, signos, metáforas, etc. Para Nietzsche, estes seriam “somas de apreciações”, de avaliações requeridas para enquadrarmos a multiplicidade existente em fórmulas, leis, designações, etc., e assim podermos nos relacionar com as forças que se opõem às nossas. Esta é – e respondemos à primeira questão a que nos propomos – a função básica de todas as nossas criações: as avaliações perspectivas conservam a vida<sup>15</sup> Neste sentido, encontramos também as “apreciações hereditárias”, aquelas interpretações da realidade que são transmitidas de geração a geração através das práticas linguísticas: verde, azul, vermelho, duro, alma, Deus... Produz-se, assim – e aqui respondemos à segunda questão que inicialmente colocamos – uma dupla relação entre a realidade e o mundo fictício: por um lado, a realidade produz ficções; por outro, com as gerações, as ficções como que condicionam a realidade.

É assim que atingimos uma caracterização mais ampla da ficção que aquela proposta inicialmente de forma condicional: tudo o que não seja aquela realidade é erro, é ficção, e “verdade” nada mais é que “a posição de alguns erros relativamente a outros erros”<sup>16</sup> Se “o mundo *que nos concerne*” é uma ficção, então poderiam perguntar: “‘mas a ficção não requer um autor?’”, e Nietzsche responde com outra indagação: “Por quê? Esse ‘requer’ não pertenceria também à ficção?”<sup>17</sup>

Podemos observar, n’*O Anticristo*, dois conjuntos de termos e expressões que se opõem: por um lado, “realidade” (interior e exterior), “fato”, “verdade”, “ciência”, “valor”, “vida”, “corpo”, “instinto”, “natural”, “histórico”, “espacial”<sup>18</sup> etc; por outro, “ficção”, “falsidade”, “mentira”, “não-valor”, “símbolo psicológico”, “erro”, “engano”, “conceito”, “nada” Cada uma destas expressões pretende, em várias passagens, ser a contraposição de todo o conjunto oposto. Não obstante, encontramos também nesta obra dois outros conjuntos de expressões, e eis mais uma complexidade: “mentira santa”/ “mentira não-santa”, “instinto falso” / “instinto verdadeiro”, “razão enferma” / “razão não-enferma”, “conceitos sadios” / “conceitos não-sadios”, “juízos verdadeiros” / “juízos falsos” etc. Duas espécies de realidade, duas espécies de ficção.



Ficção e falsidade... Um mundo cheio de ficções e falsidades... Eis o que se é capaz de “inventar” quando não há o predomínio dos “sentidos de prazer”, mas a “preponderância dos sentidos de desprazer”, quando em “contato com a natureza, com a realidade, com a efetividade” Eis o que o cristianismo inventou pelo seu malogro, pelo seu mal-estar, pela sua *décadence*... É assim que Nietzsche nos apresenta, no parágrafo 15 d’*O Anticristo*, a tese de que moral e religião, no cristianismo, não têm ponto de contato com a efetividade. Tudo, na moral e religião cristãs, é imaginário: *causas, efeitos, seres, ciência da natureza, psicologia, teleologia*. “Depois que o conceito ‘natureza’ foi inventado como contra-conceito para ‘Deus’”, diz Nietzsche, “‘natural’ tinha de ser a palavra para ‘reprovável’ – aquele inteiro mundo de ficções tem sua raiz no ódio contra o natural (- a efetividade! -), é a *expressão* de um profundo mal-estar com o efetivo”<sup>19</sup> com aquela multiplicidade de forças que nos contrapõe. A partir do mundo das ficções, (re)inventa-se o conceito daquilo que é efetivo, e a partir de então efetivo torna-se não-efetivo, e por isso é (re)negado, ou, nas palavras de Nietzsche, “natural” se torna “reprovável” O mundo que concerne ao cristianismo é, como disse, *expressão* de uma realidade malograda, da sua realidade, uma realidade interna que, em sua relação com as forças externas que lhe são opostas, sente desprazer, sofre, e evita, assim, ter contato com o efetivo. Este mundo, com suas *causalidades*, seus *efeitos*, ou seja, com todo o conjunto de práticas, símbolos, signos, metáforas, etc., expressa unicamente uma realidade *interior* decadente que busca, com ela, estabelecer as leis tanto da totalidade do mundo exterior quanto da totalidade de todas as outras realidades interiores, ou seja, de todo o mundo. Eis os falsos instintos e seus conceitos não-sadios, que interpretam o mundo negando a multiplicidade de forças e instintos.

Contraposta a esta realidade – à realidade malograda – Nietzsche apresenta, no parágrafo 16, a figura do “povo que ainda acredita em si”, uma efetividade que manteve “suas virtudes e impulsos mais viris” Este também constrói ao seu redor um “mundo exterior”, com suas práticas e símbolos; também tem sua religião e seu próprio deus. Tal deus também expressa, representa a realidade fisiológica que o inventou. Por isso ele deve ser bom e mau, amigo e inimigo, e não meramente *bom*, não amputa a realidade. Um tal deus representa exatamente aquilo que no parágrafo 15 Nietzsche denominou “mundo dos sonhos”, o mundo inventado que mantém com a realidade das forças um ponto de contato, que reflete a realidade; que, portanto, não é propriamente uma ficção, algo que torna o

mundo uma estabilidade, uma paz. Eis toda a diferença entre o mundo fictício e o mundo dos sonhos: o contato com a realidade. Diz Nietzsche:

“não há alternativa para deuses: *ou* são a vontade de potência [...] *ou senão* a impotência de potência – e então se tornam necessariamente *bons*”<sup>20</sup> Duas espécies de realidade, duas espécies de ficção.

Fica, no entanto, um critério de avaliação, de interpretação nietzschiana do mundo: a vida em ascensão, “o instinto de crescimento, de acumulação de força, de potência”, enfim, a vontade de potência. Que tal critério seja *verdadeiro, a verdade*, e refute todas as falsas interpretações do mundo? Quanto a isto, diria Nietzsche:

“que tenho eu a ver com refutações! [...] (venho apenas) substituir o improvável pelo mais provável e ocasionalmente um erro por outro”<sup>21</sup>

## NOTAS

---

<sup>1</sup> AC, # 21.

<sup>2</sup> AC, # 7.

<sup>3</sup> Cf. GC, # 121.

<sup>4</sup> EH

<sup>5</sup> Zaratustra, I, “Dos que desprezam o corpo”.

<sup>6</sup> BM, # 36.

<sup>7</sup> GM, Prólogo, # 2.

<sup>8</sup> AC, # 11.

<sup>9</sup> BM, # 36.

<sup>10</sup> *Ib.*, *ibid.*

<sup>11</sup> Fragmento póstumo, junho-julho de 1885, nº 38 [12].

<sup>12</sup> *Id.*, primavera de 1888, 14 [184].

<sup>13</sup> *Id.*, *ibid.*, 14 [93].

<sup>14</sup> *Id.* *ibid.*, 34 [247] e primavera de 1888, 14 [184].

<sup>15</sup> BM, # 34.

<sup>16</sup> *Id.*, *ibid.*

---

<sup>17</sup> Id., *ibid.*

<sup>18</sup> Cf., por exemplo, AC, # 59 e *apud.*

<sup>19</sup> AC, # 15.

<sup>20</sup> AC, # 16.

<sup>21</sup> GM, Prólogo, # 4.